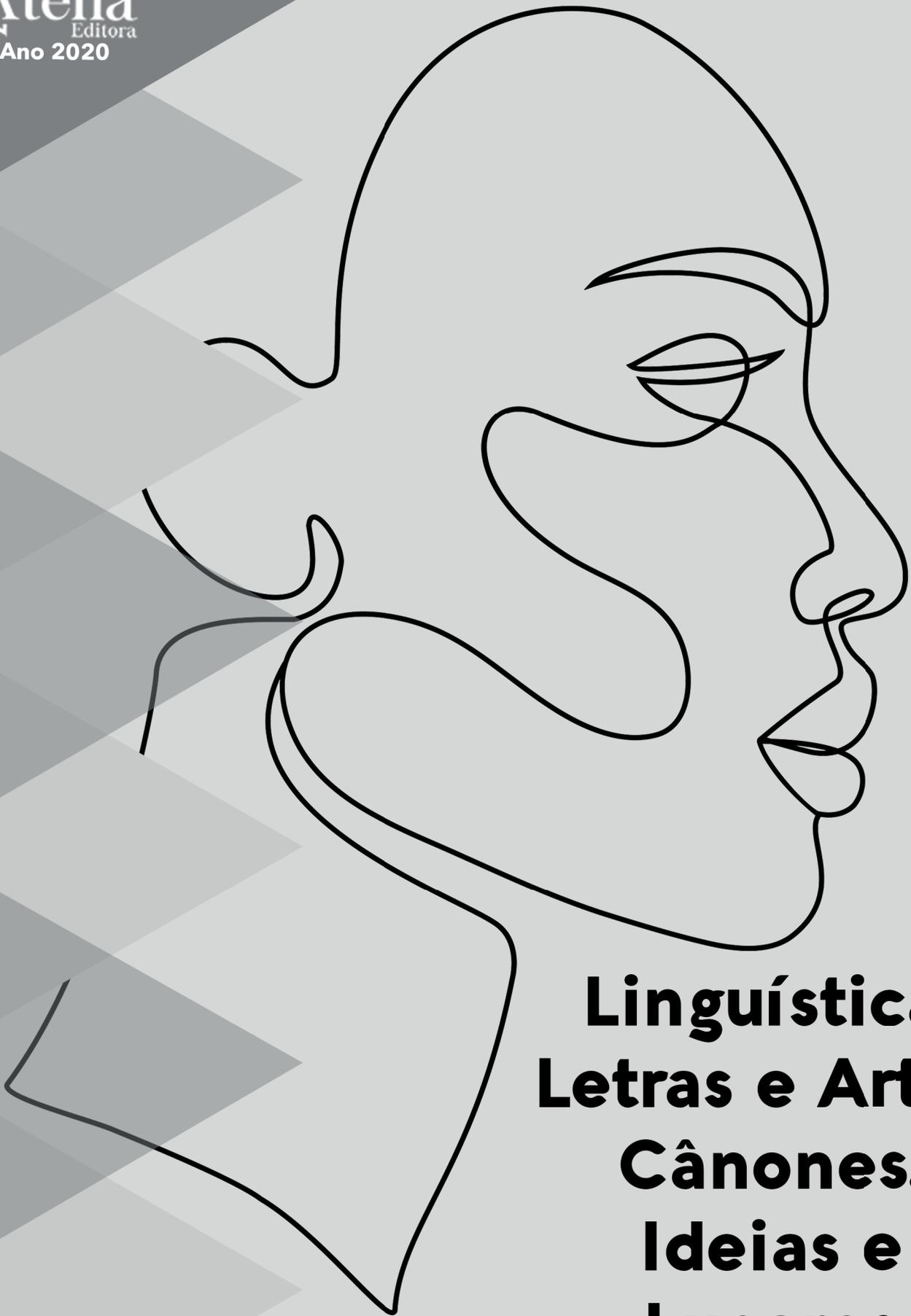


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Edijane Maíla Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019061	
CAPÍTULO 2	12
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
Beatriz Costa Fernandes Pereira	
Fred Izumi Utsunomiya	
DOI 10.22533/at.ed.1692019062	
CAPÍTULO 3	29
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
Jairo Venício Carvalhais de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1692019063	
CAPÍTULO 4	41
AS TRAMAS DA ENUNCIACÃO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1692019064	
CAPÍTULO 5	51
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
Henrique Reis Fatel	
DOI 10.22533/at.ed.1692019065	
CAPÍTULO 6	69
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
Letícia Queiroz	
Epaminondas de Matos Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.1692019066	
CAPÍTULO 7	81
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
Fernanda Rafael da Paz	
Neide Aparecida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1692019067	
CAPÍTULO 8	89
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Alice Duarte de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.1692019068	

CAPÍTULO 9	105
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
Izabela Fernandes Simão	
DOI 10.22533/at.ed.1692019069	
CAPÍTULO 10	118
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190610	
CAPÍTULO 11	132
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
Martiniano Marcelino de Macedo Torres	
DOI 10.22533/at.ed.16920190611	
CAPÍTULO 12	154
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
Mírian Sousa Alves	
Renata de Oliveira Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190612	
CAPÍTULO 13	165
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
Piero Dutra Vicenzi	
DOI 10.22533/at.ed.16920190613	
CAPÍTULO 14	173
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
João Mário de Arruda Adrião	
Tirawá Waurá	
Thalysson Paulo Alves Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.16920190614	
CAPÍTULO 15	179
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
Vera Regiane Brescovici Nunes	
Pedro Fernando Sahium	
Washington Maciel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.16920190615	
CAPÍTULO 16	191
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
Andressa Argenta	
Carolina Ramos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.16920190616	

CAPÍTULO 17	202
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
CAPÍTULO 18	213
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
CAPÍTULO 19	232
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
SOBRE O ORGANIZADOR	237
ÍNDICE REMISSIVO	238

ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO– ACRE

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 28/04/2020

Beatriz Tayná Souza Brito

Universidade Federal do Acre - UFAC

Rio Branco – Acre

<http://lattes.cnpq.br/0343132567904117>

Marcia Meireles de Assis

Universidade Federal do Acre - UFAC

Rio Branco – Acre

<http://lattes.cnpq.br/9502098654957357>

RESUMO: Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa social realizada entre os anos de 2016 e 2018 no Terminal Urbano Francisco Alves Ribeiro em Rio Branco – Acre, o problema que conduziu a pesquisa em questão foi: De que modo as relações sociais vivenciadas no Terminal Urbano, contribuem para produzir as significações sobre esse espaço-lugar? E a hipótese foi: As relações sociais contribuem por meio da interação entre as pessoas e grupos, que compartilham suas crenças, valores e opiniões, e a partir disso, atribuem significados ao Terminal Urbano. O arcabouço teórico foi composto por: Marc Augé, que trouxe os conceitos de não-lugar e lugar antropológico;

Erving Goffman, com a noção de estigma e Pierre Bourdieu, que contribuiu com a ideia dos espaços sociais. O objetivo geral da pesquisa foi conhecer a dinâmica das relações sociais e significações do Terminal Urbano, enquanto um espaço de produção da vida social. No âmbito metodológico, foi utilizada uma abordagem qualitativa, tendo sido feito um estudo de caso e realizada a técnica de observação, os instrumentos de coleta de dados incluem os diários de campo, as entrevistas, o registro fotográfico e a pesquisa documental. No decorrer da pesquisa o Terminal Urbano pôde ser entendido como um espaço social com suas múltiplas faces e contradições, o lugar do eu, o lugar do outro e o não-lugar, ao mesmo tempo em que é um espaço-lugar de produção da vida social em que as pessoas interagem e dão significados ao espaço e às suas vidas. Neste sentido, pode-se dizer que as relações sociais no Terminal são frágeis e passageiras, e os significados sobre o Terminal se dão a partir do uso que as pessoas fazem dele, e não a partir das relações que elas estabelecem.

PALAVRAS-CHAVE: Terminal Urbano. Relações Sociais. Significações.

BETWEEN THE CHAOS AND ORDER: RELATIONS AND PERCEPTIONS ABOUT THE URBAN TERMINAL, FRANCISCO ALVES RIBEIRO IN RIO BRANCO–ACRE

ABSTRACT: This article is a researching realized between the 2016 and 2018, in the urban terminal Francisco Alves Ribeiro in Rio Branco – Acre, the trouble that conducted the searching was: What's the way that the social relations lived in the urban terminal, contribute to produce the significations about that space-place? And the hypothesis was: The social relations contribute as an interaction between the people and groups, who shared their beliefs, valors and opinions, wich stablishes, a meaning about the urban terminal. Marc Augé, who brought the concepts of non-place and anthropological place; Erving Goffman, with a notion of stigma and Pierre Bourdieu, to the idea of social spaces. The researching is around dichotomies that talk about the conceptions that describes the urban terminal, that is, simultaneously, space and place, an anthropomorphic place and none-place, chaos and order. The main objective in that research is to know the social relation and significations from the urban terminal, while a space-place of production of social life in a methodological sphere. It was used a qualitative approach, we made a study case and realized the observation technic, the data instruments, including the interview, the photograph record and the documents search, during the searching, the urban terminal can be understood as a social space with her many faces and contradictions, the place of me, the place of another, and none-space, at the same time is a space-place of social life production, where the people interact and give meanings to that space and her lives. In that tenor, can be say what the social relations in urban terminal, that are fragilis and temporaries, and the meanings about the urban terminal are made, initially, from the use whose the people make of this, and not around the relations that stablishes.

KEYWORDS: Urban Terminal. Social Relations. Meanings.

1 | INTRODUÇÃO

O Terminal Urbano Francisco Alves Ribeiro foi construído em 1996, na cidade de Rio Branco - Acre para que as pessoas pudessem aguardar as linhas de ônibus para serem transportadas até os bairros, evitando o tumulto e superlotação das paradas de ônibus localizadas no centro, sendo assim, seu significado explícito foi propiciar a locomoção. O Terminal Urbano tem duplo sentido, pode ser entendido como um espaço em que converge a maioria das linhas de ônibus da cidade de Rio Branco, que sugere movimento e propicia a locomoção, neste contexto, é o que Augé (2003) chama de não-lugar, contanto ele é ao mesmo tempo um lugar de encontros, em que a interação e as relações sociais estão subordinadas pelas chegadas e partidas das pessoas e também dos ônibus, e é o que Augé (2003) chama de lugar antropológico.

A fim de compreender os significados que podem ser atribuídos ao Terminal Urbano, entendido como um espaço de relações sociais, a intenção é identificar no Terminal as significações tidas a partir deste espaço ou lugar entendido por meio de imagens de

sentimentos complexos (TUAN, 1983). Em vista disso, a análise compreensiva de Weber (1994), foi usada nessa pesquisa, para identificar na ação social dos indivíduos, as relações estabelecidas por eles e suas interações.

Tendo em vista que haja a interação entre as diversas pessoas que utilizam o Terminal Urbano, e em consequência disso dão significados a esse espaço, a pesquisa foi guiada pelo seguinte problema: De que modo as relações sociais vivenciadas no Terminal Urbano, contribuem para produzir as significações sobre esse espaço-lugar? A partir dessa problemática, foi possível compreender a influência das relações sociais, na atribuição dos significados, ou seja, o intuito foi fazer um aprofundamento nas relações sociais, no modo como elas se dão, o que permitiu apreender os significados que o Terminal Urbano representa para os moradores da cidade de Rio Branco- Acre que buscam se relacionar nesse espaço. No qual apontou-se para a seguinte hipótese: as relações sociais contribuem por meio da interação entre as pessoas e grupos, que compartilham suas crenças, valores e opiniões, e a partir disso, atribuem significados ao Terminal Urbano.

Desse modo, a pesquisa foi guiada pelo o objetivo geral de: conhecer a dinâmica das relações sociais e significações do Terminal Urbano, enquanto um espaço de produção da vida social. E pelos objetivos específicos de: identificar quais relações as pessoas estabelecem no Terminal Urbano; discutir sobre a percepção das pessoas sobre as relações sociais vivenciadas no Terminal Urbano e descrever os significados atribuídos a esse espaço-lugar.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

Em relação ao eixo teórico da pesquisa, alguns dos autores principais escolhidos para dar embasamento para a esse trabalho foram: Augé (2004) com os não-lugares, Bourdieu (2011) que trata do espaço social e do poder simbólico, Goffman (1981) em relação ao estigma e Weber (1994) com a ação social, autores e teorias que despertam questões e abrem novas perspectivas de leitura da realidade social.

Conforme Augé (2004, p. 87) o Terminal Urbano possui caracteres de um “não-lugar”, que segundo o antropólogo refere-se a “duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços”, se as relações que ali ocorrem só se referem aos fins que o ambiente proporciona, neste caso, o transporte, isso acarreta numa tensão solitária, marcada pela existência de diversas pessoas que estão em um mesmo ambiente, sem nem interagir.

Para compreender os estigmatizados que frequentam o Terminal Urbano, entendidos como pessoas que possuem um estigma, conforme Goffman (1981, p. 6) este é: “[...] um atributo que o torna diferente de outros [...] deixamos de considerá-lo criatura comum e

total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída [...] algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem”. Goffman (1981) destaca três tipos de estigmas facilmente identificáveis, o primeiro diz respeito ao que ele chama de abominações do corpo, que são as deformidades físicas, no caso, as deficiências físicas; o segundo são as culpas de caráter individual, que são para ele distúrbios mentais, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo e desemprego, por exemplo; e o terceiro são os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através da linhagem e durar várias gerações.

O Terminal Urbano pôde ser entendido como um espaço social, pois esse espaço em que as pessoas ocupam, o torna simbólico, na qual, segundo Bourdieu (1997, p. 160):

Os agentes sociais que são constituídos como tais em e pela relação com um *espaço social* [...] definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais. A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma -espécie de simbolização espontânea do espaço social.

No Terminal Urbano, as pessoas convivem em um espaço social marcado pela distinção entre as posições sociais, fato evidenciado na estratificação vista nas plataformas que restringem as pessoas de interagir e conhecer outras pessoas e estabelecerem relações. Pierre Bourdieu (2011) é um autor que também aborda sobre o poder simbólico em diferentes ambientes, demonstrando como este poder só se exerce quando reconhecido, e é numa relação determinada, entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, “o poder simbólico [...] se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo que produz e reproduz a crença” (BOURDIEU, 2011, p. 14-15). O uso do arcabouço teórico de Bourdieu (2011) foi importante para analisar as relações sociais que ocorrem no Terminal Urbano, e seus conceitos foram utilizados para compreendê-las melhor.

Max Weber (1994, p. 3) trouxe a noção de ação social, que segundo o autor “significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”. Neste sentido, a ação social das pessoas, contribuem para a atribuição dos significados ao Terminal Urbano.

3 | METODOLOGIA

A pesquisa a respeito do Terminal Urbano teve uma abordagem qualitativa. Desse modo, foi possível fazer uma interpretação mais profunda do objeto de estudo, dando maior importância aos aspectos voltados aos indivíduos e grupos, a respeito de sua visão de mundo, sem a preocupação estatística dos dados, de acordo com Minayo (1994, p. 21-22) “A pesquisa qualitativa [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações,

crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. Esse tipo de abordagem se adequa ao tema proposto, porque permite uma aproximação com a realidade sem que seja preciso quantificar grandes amostras, mas analisar um menor número de dados com maior profundidade, a fim de obter os significados e relações que as pessoas mantêm no Terminal Urbano.

De acordo com o objetivo do estudo, a pesquisa é exploratória, que visa “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado” (GIL, 2012, p. 27). Como é o caso desta pesquisa, como não existem muitas pesquisas sobre este tema, a intenção é oferecer o conhecimento da realidade e uma contribuição para novas pesquisas sobre a área. O método científico entendido como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento que foi utilizado nesta pesquisa é o método observacional em que simplesmente se observa algo que acontece ou já aconteceu (GIL, 2012, p. 17).

No delineamento da pesquisa, foi feito um estudo de caso no Terminal Urbano Francisco Alves Ribeiro, de acordo com Yin (2001, p. 32), o estudo de caso “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”, pois as informações e as reflexões elaboradas sobre as relações e significações deste espaço foram colhidas neste Terminal Urbano em específico; e a pesquisa documental, que segundo Gil (2012, p. 73) ela “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico [...] tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc”.

Essas informações foram obtidas através da observação, e de acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 111) ao observar se “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. A partir da observação das relações estabelecidas no Terminal Urbano, um dos instrumentos de coleta foi a realização de entrevistas, na qual foram obtidos “dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes *documentárias* [...] se trata de conhecer a atitude, preferência ou opinião de um indivíduo a respeito de determinado assunto” (NOGUEIRA, 1977, p. 111).

Outro instrumento de coleta de dados foi o diário de campo, em que foram anotadas em um bloco as percepções e observações feitas no Terminal Urbano, para serem analisadas e compreendidas à luz das teorias. O diário de campo foi de grande importância para que pudessem ser feitas observações e anotações a respeito do Terminal Urbano, e contribuiu para que ao ouvir e observar aquela realidade pudessem ser feitas interpretações e análises sobre aquele espaço-lugar, pois de acordo com Oliveira (1996, p. 31) “os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador [...]. Seria uma espécie de presentificação do passado”.

Na intenção de aproximar a pesquisa da realidade social em que ela está inserida, foi utilizado um outro instrumento para obtenção de dados: o registro fotográfico, para CRUZ NETO (1994, p. 63) fotografias e filmagens “se apresentam [...] como recursos de registros aos quais podemos recorrer. Esse registro visual amplia o conhecimento do estudo porque nos proporciona documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado”.

As significações e percepções identificadas no Terminal Urbano foram analisadas na pesquisa de acordo com os usos que as pessoas faziam deste espaço-lugar e tiveram aspectos comerciais, culturais, políticos e afetivos. Como o Terminal Urbano é um local onde diversas pessoas transitam no decorrer do dia, é um espaço onde podem-se estabelecer relações. A realização desta pesquisa se deu pelo interesse em desmistificar os usos deste espaço-lugar, ele não é só um não-lugar que propicia o transporte, é também um meio de sustento, um trabalho, um ponto de encontro, o lugar da arte de rua, um espaço de luta, um local para informar e conscientizar.

4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

As relações sociais existentes no Terminal podem ser vistas como relações transitórias e passageiras, é como se houvesse um mundo paralelo ao Terminal, que transcende tempo e espaço, os fones de ouvido revelam a indiferença para com o outro, é como um refúgio, em que se transmite por esses gestos que não se deseja ser perturbado, invadido ou interrompido e não importa os sons ou vozes que ecoam e os rodeia, o que se opta é por não se expor a isso. É visível o olhar de impaciência de alguns, o olhar distante de outros, às vezes não parecem ocupar o mesmo espaço, são mundos tão particulares, em que a individualidade é desejada e mantida, e as relações são frágeis, impessoais e passageiras. Geralmente quando as pessoas fazem contato e interagem sem se conhecer é para obter alguma informação sobre os ônibus, perguntando qual a linha de ônibus está na parada ou se certo ônibus passa por algum local específico. As pessoas parecem apressadas e impacientes, os estudantes parecem ser os mais tranquilos e ficam muitas vezes em grupos conversando e interagindo.

Assim sendo, a ordem que existe no Terminal, é o que orienta as relações sociais, a ordem está baseada pela imposição das regras e normas estabelecidas no intuito de manter a ordem vigente e as pessoas controladas e condicionadas a esta organização, sendo este um ambiente em que a relações sociais predominantes são as econômicas, que estão sempre presentes, seja através dos vendedores ambulantes, os vendedores das lanchonetes, na recarga dos cartões de viagem, o banheiro em que se paga para usá-lo, ou os vendedores não autorizados que oferecem pão de queijo, balas, doces, géis para dor, meias e escovas de dente. E por ser um local no centro da cidade em que o comércio

predomina, o Terminal Urbano é um direcionador de pessoas para o comércio, por isso elas geralmente estão com sacolas de compras nas mãos.

Em certos momentos o Terminal pode ser percebido como caos, e em outros como ordem, as características que o tornam um caos na visão das pessoas que ali transitam, são as que dizem respeito às sensações que elas têm ao conviverem no mesmo espaço-lugar. Do mesmo modo, o Terminal também possui aspectos que dão a ele certa ordem, visto principalmente em sua divisão socioespacial. As percepções das pessoas sobre o Terminal estão condicionadas pelas experiências e usos que elas fazem deste espaço-lugar, quando o uso não atende as expectativas o espaço-lugar é tido como caos, e quando as necessidades que se tem são supridas, é possível notar certa ordem através das placas e das plataformas.

As placas representam os aspectos normativos que vigoram no Terminal, e por isso as pessoas não necessariamente precisam se comunicar umas com as outras para obter informações, pois o recurso visual utilizado já é capaz de orientá-las, fazendo com que a interação seja cada vez mais escassa. Sendo assim, não é um ambiente que incentive a existência de relações sociais e laços afetivos, mas que prioriza pela transitoriedade e a mínima permanência no espaço-lugar possível, deste modo o Terminal, enquanto um espaço de não-lugar ainda pode se definir pelas palavras e imagens que são utilizadas para direcionar as pessoas no ambiente.

A ordem, pode ser vista no espaço do Terminal através das placas, letreiros, painéis, telas e cartazes que ajudam as pessoas a se localizar pelo nome do lugar, das placas escritas: desembarque, bebedouro, banheiros, nas plataformas com os nomes das linhas que ali param; ou restringem e proíbem em outras placas, como: proibido fumar, não permaneça próximo às grades e não entre nos ônibus no desembarque. Em relação à ordem existente neste espaço-lugar pode-se notar através da divisão socioespacial do Terminal Urbano que para organizar as pessoas foi utilizado o recurso das plataformas. Ao observar a divisão espacial do Terminal Urbano, notam-se três plataformas principais A, B, e C que se subdividem em A1, A2, A3; B1, B2, B3 e C0, C1, C2 e C3. As plataformas se diferenciam por cores, a plataforma A, é identificada com a cor vermelha, a plataforma B possui a cor verde e a plataforma C, tem a cor amarela. Esta organização em plataformas revela que “O homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais.” (TUAN, 1983, p. 5).

A divisão em plataformas pode representar mais do que uma simples divisão espacial, é também uma forma de estratificação social que se refere “as hierarquias sociais, [...] dizem respeito tanto à repartição de pessoas na sociedade, de acordo com a divisão do trabalho, quanto às avaliações sobre a posição que as pessoas detêm [...] e que lhe são socialmente conferidas”. (AGUIAR, 1973, p. 13-14), como é o caso das classes sociais. As classes sociais estão relacionadas ao fator econômico e político, que permitem

com que haja mobilidade de uma classe para outra, com possibilidade de ascensão e também decadência, assim estas relações sociais se baseiam geralmente na apropriação (econômica) e na dominação (política), que ocorrem mediante ao poder que umas pessoas têm sobre as outras (IANNI, 1972, p. 12).

Sobre este poder, Bourdieu (2011, p. 7-8) afirma que:

[...] é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, como efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

O Terminal Urbano, é percebido pelas pessoas enquanto caos principalmente em decorrência do uso do Terminal em horário de pico, em que estas sensações são desencadeadas e agravadas, o incômodo que as pessoas que transitam pelo Terminal sentem em momentos de superlotação, são as características que levam as pessoas a o considerar um caos. Neste sentido, tanto entendido como caos, quando aparenta estar destituído de certa ordem, como quando busca manter uma organização para permitir a mobilidade no Terminal, no geral, o Terminal não é um ambiente confortável para ficar por muitas horas, por não acomodar as pessoas devidamente, de modo que elas se sintam bem em estar ali por muito tempo, até porque o que se espera é que as pessoas estejam ali de passagem e a sua permanência dure apenas o tempo suficiente da chegada dos ônibus.

Assim, pode-se dizer que o tempo no Terminal está condicionado pela chegada e partida dos ônibus, e o espaço é delimitado pelas grades que o segregam. E por mais que o Terminal Urbano esteja rodeado por grades, os locais por onde os ônibus entram e saem e dão acesso a cada plataforma são abertos, apesar disso, as pessoas não costumam extrapolar essas fronteiras invisíveis, pois mesmo com a inexistência de impedimentos físicos (muros ou grades), existem barreiras mentais que inibem as pessoas de descumprirem essas normas impostas e socialmente aceitas, e para garantir seu cumprimento, essas fronteiras são sutilmente vigiadas a fim de impedir qualquer invasão por essas vias.

Desse modo, todos estes aspectos podem ser vistos como um modo de manter a ordem no Terminal Urbano, por meio do poder simbólico que é exercido ali, neste espaço entendido enquanto um não-lugar, com normas e aspectos partilhados e padronizados do comportamento neste espaço-lugar. A fim de apreender os significados do Terminal para as pessoas que transitam por ele foram identificadas em três grupos ou categorias, que são os que permanecem, os que passam e os estigmatizados, cada um deles representa a percepção que eles têm do Terminal, que é dada a partir do uso que fazem do mesmo. Sendo assim, os significados tidos a partir dos usos das pessoas neste espaço-lugar, dizem mais sobre o Terminal do que as relações sociais, pois as pessoas podem ou não as estabelecer, diferente das significações que são concebidas a partir do modo como elas

utilizam este local. É válido salientar que mesmo que os significados se deem pelo uso, se as relações estabelecidas são duradouras e pessoais, provavelmente haverá significados mais afetivos, já as relações mais frágeis induzem a significados mais direcionados para o uso primordial do espaço, que se referem a necessidades econômicas e de transporte.

Em relação aos significados do Terminal, pode-se dizer que eles dependem do uso que as pessoas fazem dele, e podem ser significados enquanto meio para se locomover, logo, tem um significado de transporte; é também um meio de sustento, para os vendedores informais, especificamente para os vendedores ambulantes; um trabalho, para aqueles que trabalham dentro do Terminal; um ponto de encontro, para os jovens que encontram neste espaço-lugar para conversar e se divertir; o lugar da arte de rua, para a estátua viva que fica nos arredores do Terminal; um espaço de luta, quando as pessoas realizam protestos e manifestações em frente e dentro do Terminal; um local para informar e conscientizar, quando são feitas panfletagens sobre assuntos variados, como o trabalho infantil e o tabagismo, e quando a defensoria pública e a OAB prestam serviços de assessoria jurídica no Terminal, mas não só isto, é também um espaço que reproduz desigualdades.

Portanto, entender o Terminal apenas pela esfera econômica e de transporte, impede de reconhecer o poder simbólico que este espaço-lugar exerce nas pessoas, o ocultando enquanto um espaço de desigualdade, estratificação e precarização. A aceitação de que é um fim em si mesmo, oculta o poder que ele exerce. Neste sentido, o Terminal pode ser tudo aquilo que as pessoas conseguirem apropriar neste espaço, sendo este, um tema suscetível de novas análises e percepções, a partir de outras teorias e caminhos de pesquisa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa desenvolvida pode-se considerar que a motivação primordial do Terminal Urbano é de caráter econômico, no qual o transporte coletivo é visto enquanto uma necessidade de preservação e manutenção do bem público e de reprodução do capital. Este espaço-lugar está voltado para o direcionamento das pessoas a fim de evitar o tumulto e superlotação das paradas de ônibus, mas em contrapartida pode-se notar que não se restringe a este significado, já que é palco de diversas manifestações que desmistificam essa motivação. Neste sentido, pode-se dizer que “O Terminal de Transporte Urbano da cidade de Rio Branco, tornou-se um ponto de convergência de pessoas, que são atraídas para o centro da cidade e distribuídas para várias direções e objetivos diversos.” (SANTOS, 1999, p. 33).

Conforme Goldenberg (2004, p. 14) a metodologia representa “[...] um caminho possível para a pesquisa científica. O que determina como trabalhar é o problema que se

quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar”. Sendo assim, para chegarmos à resposta deste problema: De que modo as relações sociais vivenciadas no Terminal Urbano, contribuem para produzir as significações sobre esse espaço-lugar? Foi indispensável adentrar nas peculiaridades do Terminal Urbano para entender as dualidades existentes nas concepções deste ambiente, que é ao mesmo tempo ordem e caos, espaço e lugar, portanto espaço-lugar, lugar antropológico e não-lugar e um espaço social, que revelam as diferentes concepções existentes sobre o objeto de pesquisa. Para entender os significados do Terminal, foram identificadas três categorias: os que permanecem, os que passam e os estigmatizados, que refletem os usos e significados que eles dão ao Terminal.

E para atingir os objetivos da pesquisa foi necessário mergulhar neste universo do Terminal, e olhá-lo ora com familiaridade, e ora com distanciamento, pois enquanto pesquisadora, a intenção é absorver as intencionalidades e percepções e evidenciar os aspectos que normalmente não se nota, e passam despercebidos aos olhos familiarizados. Como se pôde observar, as relações sociais existentes no Terminal, estão condicionadas pela ordem vigente neste ambiente e em sua maioria são temporárias, frágeis e impessoais e geralmente duram o tempo da chegada e partida dos ônibus.

Por estar localizado em uma área comercial, este espaço-lugar atrai muitas pessoas, inclusive muitos dos comércios e camelôs que existem na região se instalaram na área após a construção do Terminal Urbano, o que gerou um local em que convergem diversas de pessoas, para diferentes fins. Neste sentido, a hipótese desta pesquisa foi refutada, já que se observou através da investigação empírica que as significações dependem mais do uso que as pessoas fazem do Terminal Urbano, do que das relações sociais que elas estabelecem. Assim, se um estudante utiliza o Terminal como meio para se locomover pela cidade, sem necessariamente estabelecer relações duradouras neste espaço-lugar, o significado do Terminal para ele se restringe ao transporte. Em contrapartida, para os jovens que mantêm relações sociais, interagindo nas rodinhas de amigos e colegas este espaço pode ser encarado como um ponto de encontro, em que se conversa, se diverte e encontra os amigos.

Diante deste espaço-lugar que é o encontro entre a ordem e o caos, cabem nele vendedores ambulantes, estudantes, trabalhadores, mata-gatos, pedintes e deficientes, este é o espaço da diversidade, onde se devem celebrar as diferenças e lutar por um espaço-lugar cada vez mais democrático, permitindo que todas as características que o tornam um caos sejam aspectos a serem melhorados, para que as pessoas futuramente sintam prazer em estar no Terminal, e tenham interesse em conhecer pessoas, conversar e se divertir enquanto esperam os ônibus, ampliando com isso a percepção das futuras gerações para a construção de novos significados enquanto potencial emancipador deste espaço-lugar que se constitui modernamente o Terminal Urbano Francisco Alves Ribeiro na contemporaneidade amazônica, indicando por fim que este segue enquanto um

espaço social estratégico na produção e reprodução dos sentidos e significados enquanto simbolização espontânea do espaço social, de forma mais ampla no cotidiano da cidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Hierarquias em classes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.) Efeitos de lugar. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. [S.l.]: LTC, 1981.

GOLDENBERG, Mirian. (RE) Aprendendo a olhar. In: **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 8. ed., 2004.

IANNI, Octavio. **Teorias de estratificação social**: leituras de sociologia. São Paulo: Nacional, 1972.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. (Colaboradora). **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**: introdução às suas técnicas. 4.ed. São Paulo: Nacional, 1977.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. São Paulo: Revista de antropologia USP, v.39, nº 1, 1996.

SANTOS, Waldemir Lima dos. **O Terminal Urbano de Transportes Coletivos e o (Re) Direcionamento do Fluxo de Pessoas e do Comércio na Área Central Comercial da Cidade de Rio Branco – Ac**. Rio Branco: UFAC/DG., 1999. 86p. Monografia (Graduação em Geografia) –Departamento de Geografia, Universidade Federal do Acre, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília: UnB, 1994, vol.1.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0